

OS POEMAS

- luz-manhã*
- | | |
|-------------------------|-----------------------------|
| <i>a. feliz homem</i> | <i>m. setembro</i> |
| <i>b. são a voz</i> | <i>n. ouço um pássaro</i> |
| <i>c. saibam</i> | <i>o. esquece a fumaça</i> |
| <i>d. há o silêncio</i> | <i>p. eu vi a neve</i> |
| <i>e. nenhum poema</i> | <i>q. altas</i> |
| <i>f. eles</i> | <i>r. na hora</i> |
| <i>g. claro</i> | <i>s. muitos subiram</i> |
| <i>h. um reino</i> | <i>t. se de andorinhas</i> |
| <i>i. acaso</i> | <i>u. nunca o vi</i> |
| <i>j. isentas</i> | <i>v. este caminho</i> |
| <i>l. os objetos</i> | <i>x. pastam uns potros</i> |
| | <i>z. belas</i> |

EDIÇÕES ZAGORÁ - 1987

Orelhas do livro

SIM.

foi lido por

Carlos Couto e Celio Moreira Placer

Diagramação: Edivar Palma

Composição: Ailton Barros

Arte Final: Ronaldo Cunha

Reprograf Artes Gráficas Ltda., em Niterói, RJ

Terminou a impressão em jan., 1987

LUZ-MANHÃ

*na planície: morada do homem.
No alto, um pássaro no dia
empreende a descida -
Leu a friável formação das nuvens.
Bicou do relâmpago o clarão vermelho.
Enxugou o peito na suavidade além-distâncias.
Pequeno vivente, saciou-se de altura.
Verticalmente,
ágil asa em delta,
lá vem
– falcão de todo anil –
na direção do chão,
NO SENTIDO DA TERRA.*

a

FELIZ homem, o poeta!

Dele as manhãs e as noites,
dele o latifúndio do vizinho,
com os graves girassóis por sobre as grades,
e ele os vê sempre, mais que os outros,
pois há um poeta que morreu em cada homem.

Para ele não há lucro nem perda.
Porque o poeta não calcula,
vai calcular, erra na conta.
Forte na mágoa, forte na alegria,
o poeta é um dispensador.

b

SÃO a voz dos que não têm voz.

São os portadores da chama.

Os poetas! Na divisão dos trabalhos
na Cidade, a eles coube: irem à frente.
E de misturas a muitas imaginações
proclamam profundíssimas verdades
(agora transparentes, agora penetradas
de clara-escuridade)
que vão lançando à direita, à esquerda.

E no rastro de sua passagem há epifanias.

C

SAIBAM – fala o poeta –

que não estou do lado de lá,
nem estou do lado de cá.
Nem, senhores! de ambos os lados.

Não estou nem sempre do lado de mim.
Vezes estou do lado de dentro,
Vezes outra do lado de fora.
Estou do lado de todos os lados,
não estou do lado de lado nenhum.

Gente! melhor era não haver lados:
só haver o homem com seu fado.

d

HÁ o silêncio dos amantes.

Há o silêncio do deserto.
Ainda o extremo silêncio
da palavra - todo instante
defasada no tráfico da fala,
no ruído e pântano da praça.
Silêncio de antes de o tempo
por dentro roer cada fonema,
audível na hora acesa do poema.

2

FOI a flecha além do alvo,
caiu do outro lado do mar.
De pronto ele reconheceu
aquele lugar, entrevisto
já na vontade, na idéia.

De volta do acaso feliz
os olhos mal se acomodam.
É um deslumbrado da luz,
da criadora, aguda luz.
E seu ouvido não esquece
que, ao claro ir e vir
dos deuses, nascia a música.

e

NENHUM poema é de ninguém.

Só na fraude da linguagem,
só na falácia do discurso,
vale dizer – o meu poema.

Vai a mão ágil sobre a página,
vai o grafito rumo ao alvo,
Todos à uma o edificaram,
ela somente o está escrevendo.
Pois à poesia todo o seu bem
lhe vem do alto, e vem
de baixo, de toda a parte:
outra nenhuma a sua honra.

f

ELES, os deuses, não têm rosto,
não têm forma os divinos:
deuses com rosto e forma
são feios simulacros
a nascer e a morrer.

Fulgem desde sempre,
em vívidos cenários. Apenas
andam os homens siderados,
andam os homens desatentos
à pulsação dos deuses.
Que estão fundando mundo,
o estão novando cada instante
e às vezes, terríveis, se ausentam.

g

CLARO! não falo da guerra desnecessária.

Da outra falo. – Do destino,
que nasce com o homem na raiz
do sangue. Vertigem de romper
todo limite, de provar à sua alma
a perigosa, a infinita liberdade.

Falo da guerra, esse orgulho à morte!

Esta sim, é a guerra, grande guerra,
rebelião de potestades obscuras
que maravilhosamente trabalham o homem,
a alegria e a dor do homem, seu enigma.

h

UM reino

onde era o vegetal em toda exuberância o vegetal.

Crescia a terra abruptas serranias.

A água em degraus precipitava.

Corriam ventos no espaço por demais.

Entre blocos erráticos fugiu

o bólido elástico de bela fera estriada.

No alto

ardia enorme a estrela SOL,
que descia a prumo a rebrilhar, rebrilhar e rebrilhar.

Eu – visionário – media tudo isso:

não havia tempo, havia mundo,

e tropeçavam meus pés miúdas flores.

i

ACASO, no breve espaço de um jardim,
surpreendem-se
singulares ludismos –

verdes-negros de tinhorões são olhos
de uns rostos espreitantes,
de-relance a ramagem enlaça ésses, e
no xadrez das juntas pedras,
acende brilhos-de-vidro o instante trêmulo.

Até que o agudo perdido de um eco,
ou a urgência de uns passos
vem romper a delícia-desordem do VER
para o rigor organizado do REAL.

j

ISENTAS de interesses,
mas vizinhas do humano –

cascas, raspas, aparas,
polpas, peles, penas, penugens,
tiscos, ciscos, cinzas, cacos, cal,
areias coloridas, varetas, cabos,
escamas, seixos rolados, matakões,
tocos, retalhos, cavacos,
saldos, sabugos, folhas varridas,
objetos condenados por inúteis,
trapos, ferro-velho, pedras
- preciosas ou semipreciosas
em natura, inteiras, aos pedaços,
destinadas a . . .

Matéria, etérea ou prima,
anterior ao favor, ao prestígio,
véspera de coisas,
ou COISAS! - a soerguer,
da sucata ao POEMA.

/

OS OBJETOS. Em seus volumes, suas cores,
tangíveis, à luz do dia, parecem
perder-se no imediato,
no projeto dos homens se fundirem.
Acende a lâmpada, alta-noite, ei-los!
cada um no aparente repouso, em seu lugar.
Atenta porém, de olhos limpos para os objetos:
a GARRAFA o POTE a BANDEJA
o SALEIRO a CESTA a FRUTEIRA
tácitos, isentos – eles próprios –
não erram, não esperam,
naturalmente *estão*, os objetos.

m

SETEMBRO é o mês do pólen, mês dos ventos
que distendem os nervos.

O vento sopra. O vento sopra forte.
Só as amendoeiras se mantêm eretas.
Despedem no pé-de-vento as folhas velhas.

Crespas folhas,
cor de vinho,
que caem a rodo
sobre as cabeças.

(penso nos plátanos da Europa
e vou, gritando, no desfolho)

n

OUÇO um pássaro.

Não o vejo. Ouço-o.
Posso imaginá-lo.
Posso nomeá-lo.
Não quero: oculto,
é o próprio som
rompendo do alto.

Tudo diz que sim:
ar, árvore, brilhos.
Há no mundo um pássaro,
que está cantando,
mas quanto silêncio!
e eu *sou* esse pássaro,
e eu *sou* esse canto.

O

ESQUECE a fumaça,
que o vento leva ...

Olha o fogo fogo
Olha bem o jogo,
o rubro-papoula,
seu ouro de lei.
O fogo é daqui,
O fogo é daqui,
Propriamente é
o sangue da terra.

Belas, as belíssimas,
mil chamuscas-serpentes,
no mais forte amor,
ardem o vivo
coração da matéria.

p

EU vi a neve! Eu vi a neve!

Eu vi a neve, Eva!
A neve é branca.
Branquíssima tal
dunas de sal.

Se o Sol a ilumina,
agride a pupila,
aí a neve devém
de-leve dourada.

Não! me equivoco.
Se tem cor a neve,
de-longe é azul.
A neve é azul indelével,
breve,
AZULADA.

q

ALTAS na região polar

baixas no trópico,
de suaves nomes latinos, as nuvens,
com elas eu viajo o aberto –

Espedaçados chumaços de algodão cardado,
dorsos de seda, panos azulados, aves-asas
adelgaçando-se em transparências contra o Sol.

E alvos cogumelos-gigantes, os lisos,
densos, pesados cumulonimbos
a variar devagar, transitórias
rotundas, ogivas, domos, – torres
que ninguém mora, eu só, todas as horas.

r

NA hora do rush,
A CHUVA CHOVE.
A CHUVA CHOVE.

O céu embruscado
se acende, protesta.
O vento violento
arrebata manchetes,
arrebenta as urgências.

Chueu de improviso:
aeroporto fechado,
a mala amarrada,
negócio aguado.
Os riscos oblíquos
açoitam, açoitam.
Será o dilúvio?
A CHUVA CHOVE
A CHUVA CHOVE

Vai lavando, lavando
uma implúvia viúva...
O aguaceiro nivela
peão, doutor, balconista,
na alagada marquise.

Na agenda não estava.

Que chuva absurda!
Você acha que dura?
Ignorei o guarda-chuva!
Perdi minha luva!
Nem se via uma nuvem!

A CHUVA CHOVE
A CHUVA CHOVE
A CHUVA CHOVE

S

MUITOS subiram os morros,
muitos foram para as praias.
Aí está. O que dá não madrugar.
Você perdeu o eclipse da Lua.

Ao menos você sonhasse, enquanto
essa rara coisa era espetáculo –
de passo que a Lua ficava alaranjada,
no céu a descoberto,
surgiam ao derredor, estrelas!

E dentro dos que olhavam,
um fascínio germinador
de afinidades antiquíssimas,
abria espaço de silêncio.

t

SE DE andorinhas não trato é porque
as andorinhas vêm só com a Primavera.
E no trópico não há Primavera.
Nem Inverno. Ao menos notáveis por aqui.

Há rosas hoje, sempre, e esta estação...

Não falarei do tempo.
As imptuais andorinhas esquecerei de vez.
Aliás bom mesmo é calar,
ficar calado pensando nada.

Como, pela noite, um homem visitado no escuro
– assim que lá fora a chuva pára –
pela estranheza de o mundo existir,
de existir um homem-dentro-do-mundo...

u

NUNCA o vi. Ouvia dizer dele.

Era George o grego. Mergulhador.
Eu considerava-o alguém extraordinário,
que passaria depressa contra o cais.

Nunca passou. Com meus parcos saberes,
via-o num mar azul e ilhas verdes
perigosamente mergulhando, vindo à tona.
Punha isso num lugar distante: a Grécia.

Vieram falar um dia que morrera...
Como? - Morrera simplesmente.
Não para mim. Caminha em seu universo de água.
É ele! É ele! George o grego. Mergulhador.

v

ESTE caminho azul de hortênsias

não é mais o caminho azul de hortênsias.
Este ruço não é aquele, nem o chamam ruço.
Ó noturnos apitos de trem! Ó arrepio,
no quarto, quando a cortina bulia!

Onde a água fria de serra que, de limpa,
um rosto liso repetia? Ó dias,
em que todo-dia era domingo!
Escavo esse tempo em mim, não o encontro.
Diabo! como encontrá-lo? já não sou quem fui.

X

PASTAM uns potros baios no campo deserto.

São meninos que nasceram cavalos!
Robustos e livres,
transmitem a sensação da força nobre,
são parte da paisagem.

Vão retouçando no verde
que resiste e rompe-se,
e o continuado abalo do arrancar
desce até às raízes das gramíneas.

Fica o chão pisado roto a intervalos

Com o tempo,
o tempo costura de brotos o rasgado.
Já nem se sabe onde foi aquilo.
Também levaram os belos potros.

Z

BELAS, sim! porém indefesas.

Olha as rosas. Os entreabertos botões
amanhecem flor na manhã seguinte,
e já o sudoeste, mais o peso ininterrupto da chuva,
no canteiro se desfolham.

Olha as petúnias. Têm pétalas duplas, algumas bicolores:
no muito verão fenecem-apodrecem as petúnias.
Quedam caídas as brancas margaridas,
soerguê-las impossível! nas hastes pensativas.

Rosas & flores! frágeis interregnos de doçura...
Bem nascidas, vêm para os ventos suaves,
os delicados raios, os dias em azul,
e – quem entende? – a ronda dos temporais as
estračalham.

ORELHAS

XAVIER PLACER,
depois de **Minipoemas** (1978), *elos/eros* (1979), **Memorial** (1980), *Flor-Ação* (1983), *O Jovem Par* (1985), apresenta este **SIM**.

Lirismo, entende-o XP afirmação do poeta em consonância com as fontes criadoras e numinosas.

SIM. *uma abertura e vinte e três unidades, pelas letras do alfabeto, num dizer direto, estilizado até onde convém ao objeto estético.*

O fazer aqui é o dessa arquitetura moderna que põe à mostra, tal em muitos seres da Natureza, a estrutura.

XP deixa que o significado transpareça porque se trata, não de valores conceituais e/ou subjetivos, e sim concretos, vivos.

SIM. *dentro do projeto, a temática do poeta em seu ofício é: o poeta mesmo, a poesia, os deuses (as forças fundantes), a Natureza em seus reinos e as obras do tempo.*

O verbo mítico, essa proto-poesia, informa os conteúdos e é metalinguagem.

Parte XP das evidências, mas não as questiona, abraça-as. Quando o tema é comum versa-o de ângulo incomum.

A musicalidade está, nestes curtos poemas, pelo ritmo, as aliteraões, as assonâncias, sem esquecer a visualidade do preto no branco.

HUGO TAVARES